

A reforma monástica

A igreja ocidental ia de mal a pior, com o avanço da prática da simonia (compra de cargos eclesiásticos), a política e a imoralidade sexual avançando nas fileiras de sua liderança. No séc. X, o papado encontrou seu ponto mais baixo de decadência moral, especialmente na figura de Sérgio III que chegou ao poder por meio da influência de famílias italianas ricas, mandou encarcerar seus rivais Leão V e Cristóvão I, além de ter como amante Marósia, casada com Guido, marquês de Túscia. Seguiu-se um período turbulento: uma rápida sucessão de papas com diversos eventos sangüinários (assassinatos inclusive) que culminou em um período no qual houveram papas simultâneos levantados a força por diferentes interesses na Europa.¹

Se por um lado a autoridade papal se dissolvia entre as muitas disputas entre famílias ricas e poderes que desejavam elevar o seu candidato ao pontificado, nos mosteiros o cenário não era muito melhor. Muitos mosteiros haviam a esta altura sido invadidos pelos normandos e húngaros. Os mosteiros mais protegidos haviam se degenerado em fontes de poder para seus abades que reduziam tudo a um jogo político e de interesses, sendo comum a prática de se comprar cargos e de carnificinas políticas na disputa por um cargo de abade. Assim, no sé. X as duas instituições que mantiveram a Europa unida – o papado e a igreja institucional e os mosteiros – deram mostras definitivas de deterioração profunda, preparando um ambiente de reforma.

O desejo e o espírito da reforma da era dos altos ideais veio em grande parte da vida monástica. Em 909 o duque Guilherme III da Aquitânia (região da Borgonha, na França) fundou um mosteiro em “Cluny” (Clúnia) e o colocou a sua frente o monge Bernão, austero e seguidor da *Regra de São Bento*. Guilherme III fez desde o início uma jogada de mestre: consagrou o mosteiro aos “Apóstolos João e Pedro” e o colocou sob a autoridade do Papa. Por um lado evitava que os bispos regionais estendessem sua mão ao mosteiro, e por outro proibiu explicitamente o Papa de tomar para si o que era dos apóstolos. Assim, o Mosteiro de Clúnia teve a autonomia necessária para empreender sua própria filosofia.

Com uma sucessão de abades brilhantes e piedosos, Clúnia se ergueu como uma luz no meio das trevas. Seus monges não cultivavam a terra como os beneditinos, pois sua missão era sumamente adorar a Deus. Os monges detinham ao longo de todo o dia em exercícios devocionais particulares e comunitários e seu exemplo logo começou a influenciar outros mosteiros, promovendo uma reforma monástica que alcançou vários mosteiros e conventos. O desejo de reforma dos cluniacenses foi ainda mais longe, desejando reformar a igreja toda, em especial contra a simonia e o casamento dos clérigos, ou seja, eles desejavam incutir nos sacerdotes, bispos, arcebispos e papas o ideal monástico, em especial quanto ao celibato.

O movimento cluniacense encontrou seu declínio diante do enriquecimento de seus mosteiros e líderes, pois atraíam generosas doações e ao poucos o fervor inicial se perdeu, voltando a novas disputas internas de poder e riqueza. O abade Roberto Champagne estava no mosteiro de Molesme, quando em 1098 decidiu deixá-lo e fundar um mosteiro na cidade de Cîteaux (região da Borgonha, na França) como uma reação ao declínio do movimento de Clúnia. Mais tarde, por ordem Papal Roberto teve de retornar a Molesme mas em seu lugar ficou Alberico, que deu continuidade a reforma cisterciense. O grande nome do movimento cisterciense foi Bernardo de Claraval, que foi admitido ao mosteiro aos 23 anos de idade. Anos mais tarde, Bernardo foi convocado a fundar um mosteiro em Claraval que se tornou um grande centro, atraindo as atenções de toda Europa em especial por que Bernardo foi o mais célebre pregador da Europa nesse período. O movimento cisterciense por ele encabeçado pregava o retorno dos monges a agricultura, a uma vida simples e regrada pela *Regra de São Bento*.

Os movimentos cluniacense e cisterciense obviamente tinham pontos de vista diferentes quanto a vida monástica, mas ambos prescreviam remédios em comum para males em comum: a simonia e o casamento dos clérigos. Assim, essa reforma monástica trará grandes impactos sobre a vida da igreja institucional como um todo.

A reforma papal

Em 800 o Papa Leão III coroou Carlos Magno Imperador do Ocidente, restaurando a noção de um império romano ocidental. Mais tarde, esse império ficou conhecido como Sacro Império Romano-Germânico. O termo “sacro” seria uma referência a concepção de que o império havia sido estabelecido pela ordem de Deus e mostra a estreiteza entre o poder eclesiástico e o civil. A princípio, o poder eclesiástico estava acima do civil como se vê na coroação de Carlos Magno por Leão III, mas aos poucos o poder do império começou a se sobrepor a igreja e querer comandá-la, em especial determinando nos cargos eclesiásticos aqueles que eram do interesse da coroa.

Ao ano 1049, a cátedra papal estava vaga quando o imperado Henrique III (1017-1056) a ofereceu a Bruno de Tula, Bispo de Saint-Étienne, conhecido por seu zêlo reformador. Henrique III, “O Piedoso”, tinha desejo de reformar a igreja mas

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.349-361

desejou fazer isso por meio das práticas de investidura de clérigos de forma política, algo que estava em confronto com os desejos de reforma das ordens cluniacense e cisterciense.

Bruno de Tula não aceitou prontamente a investidura do imperador, mas decidiu ir para Roma como peregrino e se lá fosse eleito pelo povo e pelos clérigos, assumiria sua nova função. Em sua peregrinação Bruno convocou outros dois reformadores da igreja, os monges Hildebrando e Humberto. Bruno ia descalço em sua peregrinação pela Itália, sempre salgado pelas multidões e logo não demorou que relatos de milagres por sua passagem se espalhassem entre o povo. Quando chegou a Roma, foi aclamado Papa Leão IX. O Papa Leão IX cercou-se de reformadores, incluindo Pedro Damiano, e empreendeu uma agenda reformista centrada em dois pontos: extinguir a simonia e estender o ideal celibatário. Assim, Leão IX começou na Itália e logo foi a Alemanha e França, encontrando resistências mas fazendo avançar sua agenda.

Leão IX, contudo, cometeu erros. Foi ele que enviou para Constantinopla uma comitiva encabeçada pelo Monge Humberto que tentou excomungar o patriarca Miguel Cerulário na Catedral de Sofia em 1054, finalizando o rompimento da igreja oriental com a ocidental. Além disso, com a invasão do sul da Itália pelos normandos e sem a ajuda do império romano-germânico, Leão IX decidiu pegar em armas liderando pessoalmente um exército contra os normandos em 1054, sendo derrotado e feito cativo até pouco tempo antes de sua morte.

Com a morte de Leão IX se sucederam rápidas sucessões papais, sempre marcadas pela disputa política entre famílias italianas ricas e o império. Em Latrão se reuniu um concílio em 1059 definindo que o Papa deveria ser eleito pelos cardeais sob a direção do Papa Nicolau II. Contudo, com a morte de Nicolau II o império tentou eleger um papa a revelia dos cardeais, que liderados por Hildebrando se uniram para eleger o papa Alexandre II, papa entre 1061 e 1073. Alexandre II avançou os ideais de reforma, mas sua morte agitou novamente o cenário político. Ainda nos funerais de Alexandre II, o povo começou a gritar o nome de Hildebrando, até agora uma figura de bastidores, sendo eleito Papa Gregório VII.

Gregório VII desejou estreitar seus laços com a igreja do Oriente, espremidas pelos turcos seljúcidas. Convocou tropas cristãs em algo que seria um protótipo das cruzadas mas não teve êxito. Mais tarde, quis reunir forças contra os muçulmanos na Espanha, mas novamente sem sucesso. Assim, concentrou-se em reformar a igreja insistindo em condenar a simonia e o casamento, com pouco sucesso na França e relativo avanço na Alemanha, Inglaterra e Normandia. Gregório VII percebeu que era preciso aumentar o poder da figura papal para que seus decretos fossem levados a cabo.

O grande conflito entre o papado e o sacro império romano-germânico que vinha sendo preparado se deu quando o episcopado de Milão ficou vago. O imperador Henrique IV já vinha nomeando bispos a revelia da autoridade papal. O bispo empossado por Gregório VII em Milão tentou impor o celibato aos clérigos, de forma que alguns fugiram para a Alemanha pedindo socorro ao imperador, que logo declarou o bispo de Gregório VII deposto e nomeou outro em seu lugar. Gregório então apelou para sua autoridade eclesiástica convocando o imperador a se apresentar em Roma até o dia 22 de fevereiro de 1076 para explicar-se sob pena de excomunhão. Henrique IV reuniu um sínodo em Worms em 24 de janeiro que declarou o Papa deposto. Quando Gregório dirigia um concílio no dia 21 de fevereiro, o sacerdote Rolando de Parma adentrou a assembleia fazendo saber diante de todos a decisão do Concílio de Worms, mas foi prontamente atacado e espancado pelos presentes que só pararam diante dos pedidos de Gregório VII. No dia 22, Gregório VII declarou os bispos de Worms depostos e excomungou Henrique IV, que em seguida excomungou Gregório VII.

Era uma queda de braços, mas aos poucos os músculos políticos de Henrique fadigaram, pois alguns bispos de Worms começaram fraquejar e se retratar diante do Papa. O bispo Guilherme de Utrecht, um dos acusadores de Gregório, morreu repentinamente e uma onda de medo se alastrou. A situação se agravou até que Henrique IV se viu obrigado a pedir o perdão papal. Gregório recolheu-se na fortaleza de Canossa e Henrique, vestido de penitente e descalço, se colocou a porta da fortaleza que não abriu suas portas durante três dias em um inverno rigoroso. Sob a neve, humilhado e abatido, Henrique implorava o perdão papal que só veio após três dias com a abertura do portão.

A excomunhão fora revogada e quando Henrique voltou a Alemanha ainda teve que vencer um imperador eleito por forças rebeldes. Henrique uniu forças para combatê-lo e por isso Gregório o excomungou novamente. Henrique contudo venceu Rodolfo e precisamente em 1081, fortalecido, marchou contra Roma. Os romanos defenderam a cidade, pedindo a Gregório que se retratasse com Henrique. O papa não cedeu e os romanos abriram as portas da cidade a Henrique, que tomou a cidade. Gregório exilou-se no castelo de Santo Ângelo enquanto Henrique elegia o papa Clemente III, vindo a morrer no exílio 1085.

Com a morte de Gregório houve novamente um período com papas simultâneos, de um lado Clemente III e de outro Urbano II, que deu continuidade a luta contra o imperador. Urbano prometeu ao filho de Henrique, Conrado, ser rei da Itália se promettesse abrir mão das investiduras e Conrado rebelou-se contra o pai. Com a morte de Urbano II foi eleito Pascoal II e a disputa continuou até que em 1104 o segundo filho de Henrique rebelou-se contra o pai, recebendo o título de Henrique V. O novo rei chegou a fazer o pai prisioneiro, que escapou e começou a reunir um exército quando foi visitado pela morte. Seguiu-se um novo período de intensas disputas entre o papa e o imperador quanto ao direito de investiduras que só foi definido pelo Acordo de Worms, celebrado em 1122 entre o papa Calisto II e Henrique V. O acordo afirmava que o poder espiritual dos bispos era concedido pelo papa e poder feudal dos bispos sobre terras e posses era concedido pelo imperador. Em todas essas disputas políticas, o que ficava cada vez mais claro é enquanto o poder temporal da igreja crescia, sua relevância e poder espiritual decrescia assim como no período de Constantino.